
As mudanças nas reportagens de televisão com a pandemia da Covid-19: Análise das reportagens da Dulcineia Novaes da Rede Paranaense de Comunicação¹

Gabriele BONAT²

Lucas BASILIO³

Victoria SAMPAIO⁴

Maria Zaclis VEIGA⁵

Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

A pandemia da Covid-19 trouxe transformações em diversos setores da sociedade. No jornalismo, muitos repórteres precisaram se adaptar para realizar as produções no período de isolamento social. Dulcineia Novaes, trabalha com televisão há mais de 30 anos e, como é do grupo de risco, precisou se adaptar a realizar a produção televisiva em casa. Através da análise de três reportagens da jornalista Dulcineia Novaes, realizadas antes, no começo e após 5 meses da pandemia do coronavírus, foram concluídas mudanças na captação e produção das reportagens de televisão. Entrevistas por videochamada e ausência de passagem são algumas das características desse novo modelo de reportagem, em período de isolamento social.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Televisão; COVID-19; Audiovisual; Reportagem.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019 foi identificado o primeiro caso de Covid-19, na cidade de Wuhan, na China. A doença afeta principalmente o sistema respiratório e a transmissão pode acontecer por saliva, espirro, tosse, apertos de mão contaminados e objetos com superfícies contaminadas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

A Covid-19 já infectou aproximadamente mais de 190 milhões de pessoas por todo o mundo, sendo só no Brasil, mais de 19 milhões de casos. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2021).

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante do curso de Jornalismo da UP, email: gabibonatmichtal@gmail.com.

³ Estudante do curso de Jornalismo da UP, email: lucas.basilio15@gmail.com

⁴ Estudante do curso de Jornalismo da UP, email: viihhsampaio@gmail.com

⁵ Orientador do Trabalho. Coordenadora do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, e-mail: zaclis@up.edu.br

A Covid-19 foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como doença pandêmica no dia 11 de março de 2020. Uma doença se torna pandêmica quando sua infecção atinge um grande número de pessoas pelo mundo.

Pensando, principalmente, nos objetos que podem proliferar o vírus, o telejornalismo precisou pensar em alternativas para continuar produzindo, mas sem colocar a vida dos repórteres e entrevistados em risco. Com isso, o presente trabalho tem como intuito mostrar as principais mudanças nas reportagens televisivas com a pandemia do coronavírus, revelando como foram feitas as entrevistas e produções jornalísticas na televisão.

Foi então que o ano de 2020 transformou os conceitos ensinados e reproduzidos nas reportagens televisivas. O modelo tradicional off, passagem e sonora, analisado por Sandra Nodari (2007, p. 30) pode até continuar se repetindo, mas não como antes. Para o estudante de jornalismo, é comum aprender na graduação que o entrevistado não segura o microfone, que o repórter fica em primeiro plano, dirigindo-se a câmera. (NODARI, 2007)

Mas, com o advento da pandemia, esses conceitos foram repensados. Dessa forma, empiricamente, é possível notar nas transmissões de jornais da maioria das emissoras, que o entrevistado, que antes não podia segurar o microfone, agora segura, usa máscara e fica a uma distância de um metro do repórter. Que o repórter, que também usa máscara, não divide o microfone e evita situações de aglomeração.

Para Nodari (2007, p.18), o fato do processo ser o mesmo, faz com que os telejornais sejam muito parecidos em todas as emissoras, inclusive, é possível ver que as mudanças no formato por conta da pandemia também se assemelham.

Além da mudança do microfone na mão dos entrevistados, está sendo muito mais usado entrevistas por aplicativos de vídeo chamada. Durante a pandemia, o número de usuários nas plataformas da Microsoft aumentou 70% (MULTIPLIX, 2020). Repórter e entrevistado, cada um em sua respectiva casa. Isso faz com que a qualidade da imagem, fator tão exigido na construção de uma boa reportagem audiovisual, seja afetada. Já não se tem mais o mesmo controle técnico da imagem e som.

Um dos problemas da produção em casa de reportagem televisiva é a falta de qualidade visual da imagem dos entrevistados. Visto que a imagem é importante, pois é a forma utilizada para informar a notícia. Além disso, a maneira de elaboração da

informação foi alterada, após muitos anos. Uma das questões é se a televisão vai implementar de forma definitiva pós-pandemia ou se essa maneira é um modo temporário de produção. Outro ponto, é se os repórteres buscaram alternativas para melhorar a qualidade da produção televisiva em meio a pandemia, com o passar do tempo do isolamento social.

Foi pensando nisso, que o presente artigo optou por analisar reportagens da jornalista do Grupo Paranaense de Comunicação, GRPCOM, Dulcinéia Novaes. Visto que ela já contém vasta experiência televisiva e precisou se adaptar à nova rotina de trabalho causada pela pandemia.

O Grupo Paranaense de Comunicação, GRPCOM, começou no século XX. O jornal Gazeta do Povo foi comprado pelos empresários Francisco Cunha Pereira e Edmundo Lemanski, em 1962. Logo em seguida, em 1969, eles adquirem a RPC, antigo Canal 12. Já em 1976, o Canal 12 passa a ser afiliada da Rede Globo, começando a transmitir a programação da emissora.

Os sócios também adquiriram a Rádio Metropolitana, frequência 98.7, sendo a rádio Inter 99, em 1986. Atualmente, é a 98FM. Em 2000, foi lançada a marca corporativa RPC e logo no ano seguinte, foi fundado o Instituto RPC, atual GRPCOM. Em 2008, a RPC TV foi a primeira emissora do sul do Brasil a implementar tecnologia digital. Atualmente, os veículos do Grupo Paranaense de Comunidade são Gazeta do Povo, Tribuna, RPC, 98FM e Mundo Livre FM.

Já Dulcinéia Novaes é uma importante jornalista paranaense, com mais de 30 anos de experiência em reportagem de televisão, e também professora universitária. Seu nome completo é Dulcinéia Novaes Felizardo Vieira. Formou-se em jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina - UEL-PR, em 1978. Fez pós-graduação em Marketing pela FAE Business School - Faculdade de Administração e Economia e mestrado em Comunicação e Linguagem, na Universidade Tuiuti do Paraná - UTP-PR. Possui o diploma de especialização na Agência de Notícias dos Direitos da Infância - ANDI, de Brasília.

Começou sua carreira como estagiária em 1979, no Jornal Folha de Londrina, na área de reportagem geral, depois passou para editoria de arte, fazendo cobertura na área de cultura. Mais tarde, em 1981 passou a atuar na Rede Paranaense de Comunicação (RPC), hoje afiliada da Rede Globo de Televisão. Ali continua como repórter. Na

emissora apresentava o programa semanal Meu Paraná. Produz reportagens para os telejornais nacionais da Rede Globo, Globo News, Globo Repórter e RPC.

Em 2002, ingressou na UTP, e passou a lecionar a disciplina Jornalismo de TV e Teoria e Prática. Em 2003 tornou-se professora no Instituto Superior de Administração e Economia - ISAE - FGV-PR e está lecionando no Instituto há 17 anos.

Há mais de 20 anos atua como pesquisadora e palestrante na área de comunicação com ênfase em Videodifusão e Cibercultura e Webjornalismo. Em 2010 ganhou o “Prêmio Fundação O Boticário de Jornalismo”, promovido pela empresa paranaense Literal Link, na categoria: Meio Ambiente, no programa: “Meu Paraná”. Depois, em 2011, recebeu o “Prêmio Raça Negra-Jornalismo”, na categoria Jornalismo Feminino. Em 2014 foi uma das homenageadas como o Prêmio Mulher Destaque

Sendo assim, portanto, este artigo se propõe a fazer uma análise das reportagens televisivas da jornalista Dulcinéia Novaes, comparando como elas eram feitas antes, no início e durante a pandemia de Covid-19.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia usada neste artigo é uma análise de três reportagens produzidas pela jornalista da RPC em Curitiba, Dulcinéia Novaes. As reportagens foram escolhidas a partir de um recorte temporal dividido em três momentos diferentes (antes, começo e depois de cinco meses de pandemia) para uma análise completa das mudanças ocorridas no processo de produção de reportagens durante a crise de Covid-19.

As matérias foram analisadas de um modo comparativo e visual, por meio de um estudo de caso de três reportagens audiovisuais. Foram observadas as questões técnicas da reportagem, como qualidade da imagem e se a repórter realizou a entrevista por videochamada ou presencial. Outra análise foi o tempo destinado ao entrevistado falar e também se a repórter realizou uma passagem ou somente off. Além disso, para confirmar as observações apresentadas foi realizada uma entrevista com Dulcineia Novaes para assegurar o estudo.

As reportagens escolhidas foram: uma matéria realizada pela jornalista no dia 16 de novembro de 2019 sobre a relação de amizade entre uma cadela e um guarda municipal. Uma segunda reportagem feita no dia 26 de março de 2020 que mostra como os avós e avôs têm se comunicado com os netos na pandemia e uma terceira sobre a

crise hídrica em Curitiba, realizada no dia 25 de agosto de 2020, após 5 meses de isolamento social. A partir de um método comparativo e uma análise visual é possível classificar os recursos utilizados pela jornalista Dulcinéia Novaes para a construção das imagens, apontar as técnicas utilizadas na produção televisiva para a continuidade das reportagens audiovisuais em meio a pandemia e identificar as principais mudanças no processo de produção audiovisual com a pandemia da Covid-19. As reportagens foram analisadas por diferentes aspectos e foram estabelecidos um comparativo em relação ao formato, posição do repórter, cinegrafista e entrevistado durante a matéria, o uso do microfone e recursos utilizados para a produção das imagens e entrevistas.

ANÁLISE DAS REPORTAGENS

A primeira reportagem analisada foi exibida no dia 16 de novembro de 2019, no Meio-Dia Paraná, na segunda edição do jornal da RPC. Na matéria, produzida pela Dulcineia Novaes, conta a história da amizade entre o guarda municipal, Edson Vicente, e a cachorra, Marina. Essa amizade começou há 1 ano e 6 meses em uma das ruas da cidadania, em Curitiba (PR). O animal sempre acompanha o profissional no serviço e nas rondas do trabalho, além de ser acolhido por todos os trabalhadores que atuam na Rua da Cidadania do Carmo.

A reportagem produzida em 2019 tem características jornalísticas comuns, pois foi feita antes da pandemia da Covid-19. O material contém imagens gravadas com câmera de filmagem, geralmente produzidas por um cinegrafista. Durante a produção, a jornalista faz a gravação de uma passagem. “A passagem consiste na apresentação do repórter na arena dos acontecimentos, sua função é reforçar a presença do repórter no local da notícia” (VALLE, 2007, p.1). Nessa reportagem, Dulcineia Novaes realiza a passagem de pé e em alguns momentos andando, sem a utilização da máscara de proteção.

“A entrevista é um dos recursos primordiais para ilustrar, fundamentar e legitimar a narrativa jornalística” (MUSSE; MUSSE, 2020, p.1). A repórter realiza três entrevistas para ilustrar a matéria. Como não havia a necessidade do distanciamento social, para conter o avanço do coronavírus, a jornalista realiza as entrevistas perto dos entrevistados e é ela quem segura o microfone. A produção jornalística contava a história da amizade entre um guarda e um cachorro. Dessa forma, a matéria possibilitou

a interatividade entre os personagens e a jornalista. Segundo Musse e Musse (2020, p.5), “o telejornalismo tende cada vez mais a apostar na interatividade, na convergência das mídias e no jornalismo de serviço”.

A segunda reportagem analisada foi publicada no dia 26 de março de 2020, no Bom Dia Paraná, primeira edição do jornal da RPC. A matéria foi exibida no início da pandemia da Covid-19. Neste período, a jornalista, Dulcineia Novaes, por ter 65 anos e ser considerada do grupo de risco, precisou começar a trabalhar em home office. Essa reportagem mostra como os avós e netos estão se comunicando, durante o isolamento social. Através de quatro histórias de avós, a produção ilustra como a tecnologia ajudou a unir os netos com as pessoas do grupo de risco e que não podem sair de casa.

Por conta do isolamento social, as entrevistas não foram gravadas com o repórter. As imagens das falas dos entrevistados foram feitas pelo celular. A repórter pediu as imagens para compor o off e as entrevistas para as personagens. Na televisão, as imagens são elementos essenciais para a composição da informação. “O produtor da mensagem televisiva interage, dialogicamente, com o telespectador, ou seja, aquele que observa não passivamente a mesma. Este por sua vez, também interage com o que constrói, tornando-se ambos co-participantes”(SABINO; DAVID-SILVA; PÁDUA, 2016, p.69). Dessa forma, para ilustrar a vida dos convidados, para a produção jornalística, foram inseridas fotos. Os vídeos, geralmente são na horizontal, porém como foram gravados pelo celular, há imagens produzidas na vertical.

A terceira reportagem foi exibida no dia 25 de agosto de 2020, depois de 5 meses de pandemia, no Meio-Dia Paraná, a segunda edição do jornal da RPC. A matéria trata sobre a crise hídrica que atingiu a cidade de Curitiba e Região Metropolitana. A repórter Dulcinéia Novaes conversou com a Sanepar e com o repórter José Roberto Burnier para entender como a cidade de São Paulo enfrentou a grande estiagem em 2014. Na reportagem foram usadas imagens de drone já feitas antes da pandemia e imagens de arquivo da reportagem realizada pelo repórter José Roberto Burnier em 2014. Além disso, foram usados infográficos para apresentação de dados. Devido ao isolamento social, as entrevistas foram realizadas a distância por videoconferência.

Outro ponto importante na análise é notar o aumento do tempo dado para o entrevistado falar. Se levarmos em consideração o “padrão”, comumente, usando nos telejornais da Rede Globo e afiliadas, as sonoras dificilmente passam de 20 segundos.

Por definição, uma sonora é um arquivo de áudio gravado pelo entrevistado registrado por um equipamento de gravação (rádio) ou câmera (televisão). (MANUAL DE COMUNICAÇÃO DA SECOM, 2020) Em alguns casos especiais, como no Fantástico, as sonoras ficam entre 5 e 10 segundos, dando mais foco aos offs que costuram a narrativa. Enquanto nesta terceira reportagem analisada, o entrevistado Hudson José, diretor de comunicação e marketing da Sanepar, começa sua fala no minuto três e termina no minuto quatro e cinco segundos.

Anteriormente já citado, a parte técnica também fica comprometida. A imagem dos entrevistados é feita por aplicativos de videochamada, que se popularizaram ainda mais no período de pandemia. Mas essas imagens feitas por câmeras de computadores ou celulares não partem do mesmo princípio da qualidade que uma câmera usada nas gravações televisivas tem. Além desse fator, as entrevistas ficam reféns da qualidade da internet do entrevistador e também do entrevistado. Essa exemplificação fica clara quando olhamos para a entrevista do especialista da Sanepar, no qual uma barra preta fica no canto direito da tela — algo improvável em épocas pré-pandemia, onde o cinegrafista faria um enquadramento correto.

ENTREVISTA

Em depoimento para este presente artigo, a jornalista Dulcineia Novaes conta que a principal mudança que ela sentiu na produção de suas reportagens durante a pandemia de Covid-19 foi a mudança do ambiente externo, depois de 30 anos de profissão, sempre em contato com o público, para o interno, no home-office, “Mudou por completo a minha rotina diária. Muito diferente de sair de casa todas as manhãs, ir pra emissora, encontrar os colegas, ver a pauta do dia, ir pra rua com uma proposta de notícia em companhia do repórter cinematográfico, entrevistar uma fonte, construir uma reportagem, ainda na rua, gravar texto e gerar o conteúdo para edição, fazer entradas ao vivo na rua e voltar para redação para fazer relatório” (Novaes, 2020).

Para Dulcineia produzir reportagens em casa tem sido o maior desafio durante pandemia. “Já em casa, desde o dia 18 de março, por causa da pandemia, (boa parte do time de produção foi para o home office), a rotina passou a ser completamente diferente, porque, apesar de não ter de ir para um endereço (no caso a empresa), nós temos um horário de escala a cumprir. Continuei acordando cedo, me arrumando como se fosse

para o trabalho, porque tinha entrevistas para gravar. Recebo diariamente as pautas elaboradas pelos meus colegas, mas também as produzo, sempre que tenho uma sugestão aceita por editores executivos de cada telejornal” (Novaes, 2020). A jornalista diz que o segundo maior desafio para ela foi dominar as ferramentas essenciais para o trabalho. “A primeira ferramenta adotada foi o Skype. Até então usava muito de vez em quando. Passou a ser essencial para me conectar com os entrevistados. As entradas ao vivo também são realizadas pelo Skype. Mas hoje uso também o Zoom para gravar entrevistas, e que é uma plataforma que facilita para algumas pessoas” (Novaes, 2020).

Dulcineia comenta também como ela se adaptou a nova forma de produção de reportagens, que recursos foram utilizados e quais alternativas buscou para continuar produzindo matérias. “Fazer reportagens de casa exige que você seja mais criativo e isso é altamente instigante, porque recebo as propostas de pauta e tenho de entregar o produto para edição. Sob esse aspecto também contamos com a boa vontade dos entrevistados em nos fornecer imagens de suas rotinas, que sirvam para ilustrar o assunto, ou sugiro ao editor uma arte, para cobrir um dado estatístico, uma imagem de arquivo, uma imagem nova que uma equipe de rua possa fazer para enriquecer a reportagem. Depende muito de cada assunto, da necessidade. Aos poucos fui me equipando, com tripé de mesa com encaixe para o celular, tripé de luz. Até então estou acostumada e muito bem amparada por excelentes profissionais da imagem (os meus colegas, repórteres cinematográficos). Tive que buscar qualidade na minha captação de imagens, no meu próprio enquadramento, cuidando também do posicionamento dos entrevistados, nas qualidades da luz e do áudio” (Novaes, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças com a pandemia da Covid-19 como o distanciamento social, uso de máscara e o não compartilhamento de objetos são atitudes que também se adequaram para as reportagens televisivas. Na primeira reportagem analisada, como o distanciamento entre as pessoas não era necessário, a repórter estava bem próxima ao entrevistado. Assim como, o microfone é segurado pela repórter. Há diversas passagens na primeira matéria analisada. Porém, nas outras duas reportagens estudadas, não há a presença da repórter, realizando alguma passagem.

No início da crise do coronavírus, as videochamadas não eram tão comuns. Dessa forma, na segunda reportagem observada é possível ver que a repórter ainda não faz a utilização desse meio de comunicação para realizar as entrevistas. Todas as entrevistas realizadas foram feitas sob orientação da jornalista e pedidas por ela para os personagens.

Já na terceira produção é possível verificar que a repórter havia aprimorado a maneira de realização das reportagens. O uso de aplicativos de videoconferência fez com que as respostas dos entrevistados fossem mais direcionadas, por ser realizado ao vivo, além de maior interatividade entre entrevistado e repórter.

Sendo assim, é visível na análise que houve grande mudança na forma como uma reportagem televisiva está sendo feita nesse período de pandemia. Sendo as partes mais afetadas a relação entre entrevistado e entrevistador, que ficam à distância, se utilizando dos meios tecnológicos; o lado técnico, no qual o jornalista e/ou cinegrafista perdem o controle da qualidade da imagem e áudio, ficando reféns de fatores externos que antes não precisavam se preocupar.

Mas, ao mesmo tempo, é possível ver o lado positivo, como o fato da tecnologia proporcionar que reportagens continuem sendo produzidas de casa, ajudando na precaução e segurança da vida de todas as partes envolvidas em uma produção jornalística. A pandemia não parou o jornalismo diário, que se mantém ativo levando informação à população, algo crucial em uma sociedade democrática.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS PIONEIROS, PROFISSIONAIS E INCENTIVADORES DA TELEVISÃO BRASILEIRA. Museu da TV. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/>. Acesso: 21 de setembro de 2020.

MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. **A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações.** Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209> Acesso em: 13 set. 2020.

NODARI, Sandra. **OFF -O Mal (DES)necessário: a produção de reportagens sem locução.** Disponível em: https://www.academia.edu/21556814/OFF_O_Mal_DES_necess%C3%A1rio_a_produ%C3%A7%C3%A3o_de_reportagens_sem_locu%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 31 ago. 2020.

NODARI, Sandra. **Ônibus 174: A Relação entre Imagem e Voz no Telejornalismo e no Documentário**. 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/nodari-sandra-onibus-174.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

NOSSA História. Disponível em: <https://www.grpcom.com.br/nossa-historia/>. Acesso em: 07 set. 2020.

NOVAES, Dulcineia. Entrevista com a repórter Dulcineia Novaes. Realizada pelos autores desta pesquisa. Curitiba. 2020.

Organização Mundial da Saúde. **Histórico da pandemia de COVID-19**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 03 ago. 2021.

Organização Mundial da Saúde. **Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19)**. 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: manual de telejornalismo**. Manual de Telejornalismo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11gdQsjeKjgKQK7-SvTIFS775qpEqP-gz/view>. Acesso em: 31 ago. 2020.

SABINO, Juliana L. M. F.; DAVID-SILVA, Giani; PÁDUA, Flávio L. Cardeal. **O potencial da imagem televisiva na sociedade da cultura audiovisual**. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v39n2/1809-5844-interc-39-02-0065.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

SOBRE a doença. Elaborado pelo Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 31 ago. 2020.

USO de plataformas de chamadas de vídeo tem aumento de 70% durante a pandemia. 2020. Disponível em: <https://www.portalmultiplix.com/noticias/ciencia-tecnologia/uso-de-plataformas-de-chamadas-de-video-tem-aumento-de-70-durante-a-pandemia>. Acesso em: 31 ago. 2020.

VALLE, Flávio Pinto. **Reflexões sobre o papel da Passagem no Telejornalismo**. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0460-1.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.